Questão

01

Em “Mais temidos que leões”, o autor explora uma relação entre a obra de ficção citada e a pesquisa científica relatada.

Com base na leitura do texto, é possível estabelecer a seguinte relação entre ficção e ciência:

* 1. a ficção nunca supera a ciência

**( B) a ficção pode antecipar a ciência**

(C) a ciência deve se submeter à ficção

(D) a ciência sempre comprova a ficção

O autor inicia o texto citando uma fala de rei Arthur, conhecido personagem de ficção, em que este declara que não há animal que não fuja da sombra do homem e acrescenta: “É preciso ter feito algo sério, acredite em mim, para ser temido desse jeito”. O autor dos livros que recontam o ciclo arturiano morreu cerca de seis décadas antes da realização da pesquisa mencionada no artigo, que confirma a declaração do personagem sobre o poder predatório do ser humano. A partir dessa sequência temporal, infere-se que a ficção pode antecipar as descobertas científicas.

Questão

02

O emprego dos dois-pontos estabelece coesão entre partes de uma frase.

Tanto no terceiro quanto no quinto parágrafos, as partes introduzidas pelos dois-pontos expressam sentido de:

(A) ênfase

(B) gradação

(C) causalidade

**(D) particularização**

3º parágrafo – “Estamos falando de dezenove espécies que são exatamente o que você espera da fauna carismática da savana africana: rinocerontes, girafas, búfalos, hipopótamos, zebras, leopardos – o sonho de qualquer criança interessada em montar uma coleção de bichinhos de pelúcia, em suma.”(l. 14-17)

5º parágrafo – Os alto-falantes em volta dos “bebedouros” reproduziam uma série de sons diferentes: seres humanos conversando em línguas africanas comuns na região, barulho de armas sendo disparadas, cães latindo (os dois últimos seriam indício claro de uma caçada acontecendo), leões rugindo e vocalizações de aves.” (l. 24-26)

Nos dois parágrafos, a sequência que sucede os dois-pontos particulariza, detalha o tópico mencionado imediatamente antes. No 3º parágrafo, enumeram-se os integrantes da fauna da savana africana; no 5º parágrafo, enumeram-se os sons reproduzidos nos alto-falantes.

**AS QUESTÕES 09 A 22 REFEREM-SE A CRÔNICAS DO LIVRO *AS MENTIRAS QUE OS HOMENS CONTAM*, DE LUIS FERNANDO VERISSIMO (Rio de Janeiro: Objetiva, 2015).**

Questão

09

Em diversas crônicas do livro, o autor constrói uma relação entre as noções de verdade e mentira, enfraquecendo a distinção entre esses termos.

Essa relação pode ser caracterizada como:

**(A) paradoxal**

(B) necessária

(C) imaginária

(D) natural

Em diversas crônicas do livro *As mentiras que os homens contam,* o autor constrói uma relação entre as noções de verdade e mentira, de tal modo que se enfraquece a distinção entre esses termos – este é o processo em análise na questão. O enfraquecimento da distinção entre as noções de verdade e mentira mostra que, muitas vezes, dependendo do contexto e da perspectiva, a verdade ou parecerá mentira ou até mesmo se revelará mentira, assim como a mentira ou parecerá verdade ou até mesmo se revelará verdade**. A relação entre essas noções, construída pelo autor, pode então ser caracterizada como paradoxal, uma vez que o paradoxo se define como aquele sentido que escapa ao senso comum ou o subverte**. Para o senso comum, uma coisa não pode ser, ao mesmo tempo, o seu contrário: uma verdade não pode ser, ao mesmo tempo, uma mentira; uma mentira não pode ser, ao mesmo tempo, uma verdade. A construção da própria palavra “paradoxo” já contempla esse significado, porque “doxa” é o termo grego para “senso comum”. Logo, um “para-doxo” pode ser entendido como significado paralelo à doxa, portanto, um significado que escapa ao senso comum ou até mesmo o subverte.

Questão

10

CRÔNICA “GRANDE EDGAR”

Você não está se lembrando dele e não tem por que esconder isso. (...)

– Não me diga. Você é o... o...

“Não me diga”, no caso, quer dizer “Me diga, me diga”. Você conta com a piedade dele e

sabe que cedo ou tarde ele se identificará, para acabar com a sua agonia. Ou você pode

dizer algo como:

– Desculpe, deve ser a velhice, mas...

Este também é um apelo à piedade. Significa “Não torture um pobre desmemoriado, diga

logo quem você é!”.

No trecho, o narrador reformula expressões, explicando o sentido que atribui a elas.

A partir dessas reformulações, observa-se que os sentidos atribuídos às palavras derivam de:

1. respeito à norma-padrão
2. tendência à impessoalidade
3. referência a noções abstratas

**(D) vínculo a contextos específicos**

No trecho em análise, o narrador da crônica “Grande Edgar” reformula as expressões que usa, explicando o sentido que atribui a elas. “Não me diga”, por exemplo, quer dizer “me diga, me diga”, assim como “Desculpe, deve ser a velhice” é menos uma desculpa do que um apelo à piedade, de modo a também implorar que o seu interlocutor diga logo quem é. Os sentidos que o narrador atribui a essas expressões estabelecem vínculo com um contexto específico, relacionado ao contexto geral da crônica, isto é, à situação de não saber o nome do interlocutor, na verdade, não saber nem quem é o interlocutor, mas, ao mesmo tempo, de precisar fingir que se lembra dele, ou de que está se lembrando.

Questão

11

CRÔNICA “O FALCÃO”

#### O Alcântara nos avisou: não deixem ele enrolar vocês. O Falcão é uma águia.

A piada contida na última frase do trecho se constrói sobre uma metáfora que aponta para o tema principal da crônica.

Esse tema é:

1. ocultação de provas

**(B) confusão de identidade**

(C) presunção de inocência

(D) acusação de autoridades

A frase “O Falcão é uma águia”, na crônica “O Falcão”, é uma piada que se constrói sobre a polissemia da palavra “Falcão”. Literalmente, trata-se não só de nome próprio ou alcunha de um personagem que não aparece na história, é apenas citado, como também de ave de rapina, que não se deveria confundir com uma águia, outra ave de rapina, e muito maior do que um falcão. Metaforicamente, dizer que alguém é uma águia é afirmar que a pessoa em questão é perspicaz e, portanto, difícil de ser enganada. Desse modo, na piada, um ser humano é designado por duas espécies de aves de rapina – falcão e águia – e por seus atributos metafóricos. Isso aponta para o tema principal da crônica, a saber, a confusão de identidade entre Antônio, protagonista e vítima, e um perspicaz criminoso conhecido como Falcão. Essa confusão é feita pelos homens que sequestram Antônio para executá-lo.

Questão

12

CRÔNICA “SEBO”

Em algumas passagens da crônica, o narrador explicita que a história contada por ele é ficcional. Uma dessas passagens está apresentada em:

1. Ele sorriu, mas apenas com a boca. Perguntou se podia entrar. Pedi para ele esperar até que eu desengatasse as sete trancas da porta.

**(B) Dezesseis vítimas até então. Se soubesse que seria a décima sétima eu não teria me apressado tanto com as correntes.**

(C)Quinhentos exemplares. Sua mãe comprara trinta e morrera antes de distribuir aos parentes.

(D) No livro tinha um cacófato horrível. Ele não podia suportar a ideia de descobrirem seu cacófato.

Na crônica “Sebo”, o narrador deixa explícito que a história contada por ele é ficcional – portanto, que ele mesmo é um personagem e não uma pessoa. Isso pode ser observado em algumas passagens, como em “Dezesseis vítimas até então. Se soubesse que seria a décima sétima eu não teria me apressado tanto com as correntes”. Aqui, o narrador demonstra saber que será a décima sétima vítima do escritor que o visita, antes mesmo que esse escritor revelasse suas intenções. O final da crônica reforça a condição ficcional, quando o narrador, já devidamente assassinado, diz “Mas ele me pegou e me estrangulou. Bem feito! Para eu aprender a não ser bem educado.” – como se ele ainda pudesse aprender alguma coisa.

Questão

13

CRÔNICA “TRAPEZISTA”

#### Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui – Alô? Alô? – olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê? Mas como, ironia? “Como o Diabo” é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo de minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos, que não era eu naquela foto de Carnaval no Cascalho que saiu na *Folha da Manhã*.

Na discussão retratada na crônica, o personagem masculino demonstra um comportamento machista em relação à mulher.

Esse comportamento se baseia numa atitude de:

**(A) desqualificação de evidência**

(B) anulação de responsabilidade

(C) simulação de concordância

(D) convicção de infidelidade

A crônica “Trapezista” narra o esforço de um marido para tentar convencer a esposa, pelo telefone, de que não passou o carnaval na farra com outras mulheres, apesar de fotografia publicada em um jornal o mostrando exatamente nessa situação. Além de negar o flagrante, o marido demonstra um comportamento machista recorrente, qual seja o de tentar desqualificar a evidência da fotografia, desqualificando, desse modo, a própria mulher.

Questão

14

CRÔNICA “BLEFES”

Na crônica, o autor expõe seu ponto de vista sobre o “blefe”, tipo de mentira observado tanto no jogo quanto na política.

Nessa exposição, um uso explícito de contra-argumentação está contido no seguinte trecho:

**(A) Não é uma questão de caráter. O blefe é um lance tão legítimo quanto qualquer outro no pôquer**.

(B) Há quem diga que ganhar com um blefe supera ganhar com boas cartas

(C) O golpe de 64 foi um blefe para quem acreditou nele. Um blefe involuntário.

(D) Collor foi um blefe deliberado que manteve a versão política do *poker face*

Na crônica em análise, o autor expõe seu ponto de vista sobre o uso, tanto no jogo quanto na política, do tipo de mentira conhecido como “blefe”. Para isso, empregará alguns recursos, dentre eles a contra-argumentação, ou seja, o uso de um argumento que contesta um argumento anterior. Trata-se de um processo comum nos textos opinativos, podendo estar explicitamente marcado, como se observa no trecho “Não é uma questão de caráter. O blefe é um lance tão legítimo quanto qualquer outro no pôquer”. Aqui, o autor contesta o ponto de vista de que o blefe seja uma questão, isto é, um problema de caráter, ao menos no jogo do pôquer. Em seguida, apresenta seu contra-argumento, defendendo que, o blefe faz parte do próprio jogo, sendo um lance tão legítimo quanto qualquer outro.

Questão

15

CRÔNICA “A ALIANÇA”

A cena principal da crônica se desenvolve a partir da perda acidental da aliança de casamento pelo marido, que começa a supor a reação de sua esposa, caso ele lhe contasse a verdade sobre essa situação.

O desfecho da narrativa é surpreendente pela seguinte reação da esposa à falsa explicação dada pelo marido:

1. dúvida persistente
2. indiferença habitual

**(C) aceitação resignada**

(D) rejeição contundente

A crônica “A aliança” mostra que uma mentira pode ser mais verossímil, ou seja, mais parecida com a verdade do que a verdade mesma. Quando o marido perde a aliança de casamento ao tentar trocar o pneu furado do carro, ele se preocupa, pois pensa que a mulher não acreditará no fato ao mesmo tempo banal e inusitado ocorrido, achando que ele perdeu a aliança ao retirá-la enquanto estava com outra mulher. Certo disso, para evitar ter de provar que dizia a verdade, o marido resolve justamente contar a mentira de que perdeu a aliança enquanto estava com outra mulher em um motel. Ele assume a postura de que prefere dizer a verdade para a esposa do que inventar uma mentira – embora ele esteja, na verdade, inventando uma mentira. A mulher não apenas acredita nele como ainda encontra a desculpa para perdoá-lo: “o mais importante é que você não mentiu para mim”. Ou seja, ela demonstra uma aceitação resignada à suposta traição do marido, o que contradiz a provável expectativa tanto do marido quanto dos leitores da crônica.

Questão

16

CRÔNICA “A MENTIRA”

Nesta crônica, João e Maria mentem para um casal de amigos, Luíza e Pedro. A mentira que eles contam tem uma característica comum a muitas outras.

Tal característica pode ser sintetizada pelo seguinte dito popular:

1. a mentira é sempre derrotada
2. a mentira é o tempero da verdade

**(C) a mentira é como uma bola de neve**

(D) a mentira é o degrau de todos os vícios

A crônica “A mentira” é obviamente central em um livro intitulado *As mentiras que os homens contam*. No enredo, João e Maria, nomes de personagens de contos de fadas, contam uma mentira para não ir a um jantar com um casal de amigos. Por inventarem uma situação de doença, os amigos, preocupados, resolvem visitá-los, levando João e Maria a aumentarem a mentira inicial sem parar, até chegarem ao ponto de inventar um vírus africano tão poderoso que obriga a evacuar a clínica onde estão e a colocar barreiras nas ruas próximas. Um tipo de mentira que precisa sempre aumentar para se sustentar pode ser sintetizado pelo dito popular “a mentira é como uma bola de neve”, que cresce à medida que rola pela colina de neve abaixo.

Questão

17

CRÔNICA “O JARGÃO”

#### Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.

O jargão pode ser definido como uma linguagem técnica comum a determinado grupo.

No comentário citado, o autor menciona outro uso do jargão que, em relação ao interlocutor, tem a finalidade de:

1. expor
2. insultar
3. satisfazer

**(D) persuadir**

O termo “jargão” pode ser definido como “uma linguagem técnica comum a determinado grupo”. No trecho transcrito da crônica, o autor menciona um uso diferente de jargão, a saber: impressionar o interlocutor com um jargão tão complicado, até mesmo com termos inventados, de modo a convencer que alguém que fale tão difícil deve necessariamente estar certo e ter razão. Nesse sentido, o jargão é utilizado não para explicar ou esclarecer, mas tão somente para persuadir.

Questão

18

CRÔNICA “HOMEM QUE É HOMEM”

#### Homem que é Homem [HQEH] não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve menos de trinta segundos para mastigar e engolir. (...) E o HQEH tem razão. Confesse, você está com ele. Você não quer que pensem que você é um primitivo, um retrógrado e um machista, mas lá no fundo você torce pelo HQEH. (...) HQEH acha que ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens que são Homens que restam no país para uma campanha de regeneração do macho brasileiro.

Na crônica, a expressão “Homem que é Homem” é definida sobretudo por meio do seguinte aspecto:

1. atributos físicos

**(B) traços de gênero**

( C) mensagens nacionalistas

(D) atitudes de convencimento

A expressão “Homem que é Homem” subentende outra expressão, qual seja “Homem com H maiúsculo”, como, aliás, se apresenta a palavra no texto, para se diferenciar do “homem com h minúsculo”. Tal caraterização leva ao confronto entre um “mais homem” e um “menos homem”, em que o primeiro recusa diversos traços associados a pessoas sensíveis e cordiais – traços tradicionalmente relacionados a mulheres e homossexuais. Logo, a expressão “Homem que é Homem” é definida sobretudo por meio de traços de gênero, no caso traços tão machistas que esboçam uma verdadeira caricatura, a do “machão”, visando, como ironiza a crônica, a uma campanha de regeneração do macho brasileiro.

Questão

19

CRÔNICA “ESPELHOS”

#### Não, não procure consolo no espelho tradicional, esse instrumento diabólico que há séculos destrói todas as nossas fantasias. Nossa esperança é a tecnologia: cedo ou tarde inventarão o espelho digital. Ele não refletirá a imagem, simplesmente. A captará e a transformará em impulsos eletrônicos que podem ser manipulados pelo usuário. No painel do espelho digital haverá duas teclas: “A Verdade” e “Escolha Você Mesmo”.

Com base na situação apresentada, o enunciado “Escolha Você Mesmo” é um exemplo da seguinte figura de linguagem:

1. antítese
2. hipérbole

**( C) eufemismo**

(D) personificação

Na crônica “Espelhos”, o espelho normal, ou tradicional, mostra a Verdade, isto é, como verdadeiramente somos, como de fato aparecemos aos olhos dos outros, enquanto um futuro espelho digital mostraria o que quiséssemos que ele nos mostrasse, dependendo da tecla apertada: “Verdade” ou “Escolha Você Mesmo”. Apertando a segunda, aparecemos magros se somos gordos, bonitos se somos feios, fortes se somos fracos, por exemplo. Note-se que o pronome “você” representa quem lê a frase, ou seja, a pessoa que se olha no espelho e que pode manipular a própria imagem, em vez de se deparar com o mero reflexo que um espelho possibilita. Essa manipulação não é, portanto, uma escolha do espelho, objeto que apenas conteria novos recursos para quem o usa, diferentemente dos espelhos comuns. Como se pode concluir, “Escolha Você Mesmo” equivale a “Minta”, “Manipule”. Desse modo, a frase suaviza a ação que, de fato, a tecla realiza: refletir uma mentira, constituindo, portanto, um eufemismo. Eufemismo, como se sabe, é a palavra ou locução mais agradável de que se lança mão para suavizar outra palavra ou locução menos agradável ou mesmo mais grosseira. Cabe destacar, ainda, que a análise proposta recai apenas sobre o enunciado “Escolha você mesmo”, no qual não se reconhecem termos/ideias em oposição nem a expressão de um exagero.

Questão

20

CRÔNICA “A VERDADE”

#### Uma donzela estava um dia sentada à beira de um riacho, deixando a água do riacho passar por entre os seus dedos muito brancos, quando sentiu o seu anel de diamante ser levado pelas águas. Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margaridas.

A donzela, personagem da crônica, diz que foi deixada “sobre um canteiro de margaridas”.

Apesar de sua aparente irrelevância, a inserção desse detalhe é importante para a história que ela conta, porque tem a função de:

1. ocultar narrador
2. provocar catarse
3. delimitar enredo

**(D) reforçar verossimilhança**

A crônica “A verdade” também é obviamente central em um livro intitulado *As mentiras que os homens contam*. Como em outras crônicas, nesta, nenhum dos personagens diz a verdade, quer por não ser conveniente, quer porque ninguém acreditaria nela ou a aceitaria. A personagem da donzela, no caso, quando perde seu anel de diamante dentro de um riacho, se sente obrigada, para não ser castigada pelo pai, a contar uma mentira. Ao contar que “fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo”, a donzela insere um detalhe aparentemente irrelevante: a de que o homem “a deixara desfalecida sobre um canteiro de margaridas”. Tal detalhe não tem relação com o sumiço em si do anel, mas aumenta a impressão de verdade do que conta, ou seja, reforça a verossimilhança da sua história, ao produzir um cenário compatível com o contexto.

Questão

21

**Antes de morrer, a donzela disse para o pescador:**

* **A sua mentira era maior que a minha. Eles mataram pela minha mentira e vão matar pela sua. Onde está, afinal, a verdade?**

**O pescador deu de ombros e disse:**

* **A verdade é que eu achei o anel na barriga de um peixe. Mas quem acreditaria nisso? O pessoal quer violência e sexo, não história de pescador.**

No diálogo entre os personagens, ao final da crônica, conclui-se que houve omissão da verdade. O pescador justifica essa omissão pelo seguinte motivo:

1. estilo do autor
2. destaque do fato

**(C) expectativa do receptor**

(D) organização da mensagem

a mesma crônica “A verdade”, o diálogo entre os personagens da donzela e do pescador mostra que o pescador omitiu a verdade de que ele havia achado o anel de diamante da donzela dentro da barriga de um peixe. O pescador justifica essa omissão porque todo mundo consideraria sua história uma típica história de pescador, ou seja, uma típica história de mentiroso que quer se vangloriar perante os outros. Considerando a expectativa do receptor, isto é, de todo aquele que ouvisse sua história, o pescador preferiu contar uma mentira que parecesse verdade do que falar uma verdade que parecesse mentira.

Questão

22

CRÔNICA “A VERDADE SOBRE O DIA PRIMEIRO DE ABRIL”

#### O ano nem sempre foi como nós o conhecemos agora. Por exemplo: no antigo calendário romano, abril era o segundo mês do ano. E na França, até meados do século XVI, abril era o primeiro mês. Como havia o hábito de dar presentes no começo de cada ano, o primeiro dia de abril era, para os franceses da época, o que o Natal é para nós hoje, um dia de alegrias, salvo para quem ganhava meias ou uma água-de-colônia barata. Com a introdução do calendário gregoriano, em 1564, primeiro de janeiro passou a ser o primeiro dia do ano e, portanto, o dia dos presentes. E primeiro de abril passou a ser um falso Natal – o dia de não se ganhar mais nada. Por extensão, o dia de ser iludido. Por extensão, o Dia da Mentira.

Nesta crônica, o autor apresenta informações acerca do dia primeiro de abril como dia da mentira, induzindo o leitor, inicialmente, a acreditar que são verdadeiras.

Nesse caso, uma postura crítica do leitor envolve a identificação do seguinte problema de argumentação presente no trecho:

**(A) alusão a fatos históricos sem fonte legitimada**

(B) uso de raciocínios dedutivos sem premissas válidas

(C) menção a práticas culturais sem reconhecimento oficial

(D) citação de dados comparativos sem contextualização suficiente

A crônica “A verdade sobre o dia primeiro de abril” é uma típica história do dia primeiro de abril, isto é, uma mentira tão elaborada que quem a escuta pensa, por alguns segundos, que se trata de uma verdade. Todas as informações apresentadas na crônica para contar a origem do dia primeiro de abril não são verídicas, mas sim invenções, mais ou menos absurdas, do próprio cronista. No entanto, o leitor pode acreditar que a crônica relata informações verdadeiras se não perceber que a alusão aos supostos fatos históricos não se sustenta em qualquer fonte legitimada.